

POESIA: UM MODO DE VER O MUNDO

NELLY NOVAES COELHO

«Para que o real sugira um mundo, é necessário que se torne estético.»

(Mikel Dufrenne)

Ao terminar de ler esta curiosa experiência poética realizada por Stella Carr, em *Caderno de Capazul*, vieram-nos à lembrança mais uma vez uma verdade que a muitos tem passado despercebida; a verdade de que nós “vemos” o mundo, fundamentalmente, através de formas descobertas, delineadas e divulgadas por uma visão estética.

Por mais que essa afirmação possa parecer absurda para aqueles que rotulam a arte de coisa inútil, é indiscutível a existência de um fenômeno, difícil de ser negado: “ver” um objeto e “nomeá-lo” é descobri-lo realmente, é definir-lhe as linhas, o valor, a essência... Ou melhor, “ver” uma realidade, descrevê-la, defini-la com palavras, é “criá-la”... é dar-lhe existência real.

E essa é a missão da poesia: tornar real a realidade, captando a sua dimensão estética. “Para que o real sugira um mundo, é necessário que se torne estético”. E foi exatamente isso que Stella Carr conseguiu com este seu último livro: redescobriu a pureza original de coisas já desgastadas pelo uso ou pelas convenções estereotipadas. Criou um novo mundo a partir de realidade que, à força de serem vistas, já não eram percebidas.

Reveste-se, pois, de especial importância, na linha da pesquisa poemética atual, esta recente experiência poética condensada em *Caderno de Capazul*, onde, através da recriação da objetividade banal e gasta de elementos que nos rodeiam, Stella pretendeu fixar o “substrato da filosofia do garôto e seus tantos *modos de ver*”.

E ao cirar conscientemente uma poesia “sintonizada” com o mundo dos meninos e meninas do momento, Stella realizou uma experiência rara no setor de leitura para jovens: estabeleceu a “comunicação” indispensável com a mente ainda imatura... e criou poesia. Frente à tão escassa literatura no gênero, isto é, textos poéticos para o jovem leitor, só nos resta esperar que esta experiência atue de maneira fecunda e propicie o aparecimento de novos textos “sintonizados” não só com o mundo em metamorfose que acolhe a criança de hoje, como com as exigências da poesia também em mudança.

Caderno de Capazul recolhe, pois, a poesia do menino-século XX: o menino atento às mutações-ambiente, o menino-produto da nova educação que visa despertar criativamente o que nêle está latente, que solicita incessantemente sua atenção e sua observação para os fenômenos mais corriqueiros do cotidiano; um cotidiano que, por sua vez atua sobre êle apresentando como realidades naturais e simples as mais fantásticas façanhas da Era da Eletrônica e da Conquista Espacial. Enfim, Enfim, um menino para quem o “maravilhoso” se apresenta fundido com o familiar dia-a-dia que o cerca.

Veja-se, por exemplo, em “Planêtas”, a inesperada fusão de elementos do real-objetivo e do “maravilhoso”, realizada pela mente curiosa e imaginativa do menino: fusão que abrange desde as coisas e fenômenos até a linguagem, e nos dá uma visão plástica e dinâmica da realidade.

O menino e sua astronomia
decorando os planêtas

PLANÊTAS

Mercúrio Vênus Terra Marte...
Será que...
Será que gente marciana
é bicho?
Com multipernas
e pluribraços
nadando no espaço?
Comem azuis e rosuras
como comemos verduras?
Será que entre foguetes
como comemos
ainda possíveis fadas?

E anjos de asas
sem jato
podem voar de fato?
Saturno Urano Netuno Plutão...
Nana nenê,
saturninos
vêm assustar os

meninos.

Não faz mal, eu vou pra

lua

é lá a Terra é uma

canção.

Como vemos, a visão poética parte do real-objetivo (os planetas) para as indagações decorrentes da curiosidade despertada, na criança, pelas novas realidades que ela vai descobrindo com o saber e pelo insuficiente esclarecimento das afirmações científicas ao seu alcance. Assim, na falta de maiores conhecimentos acerca daquilo que lhe parece realmente importante (qual a gente que vive nos planetas? o que comem? como são? Como conciliar o “maravilhoso” já conhecido: fadas, anjos... com o “maravilhoso” recém-descoberto pela ciência: foguetes, jatos?), o menino estabelece explicações a partir de analogias com a realidade sua conhecida. Assim, desenvolve-se o poema todo através de analogias ou de associações de idéias em que se dá a mescla do real-objetivo e do imaginário tornado real pela ciência ou pela fantasia da criança.

É importante notarmos ainda que neste *Caderno de Capazul*, logrando atingir o indispensável grau de despersonalização poética (já conseguido também em seu segundo livro, *Matéria de Abismo*), Stella Carr consegue manter-se, do primeiro ao último poema, por detrás do olhar ingênuo e ao mesmo tempo argumentamente indagador dos meninos e meninas dêste nosso século atômico.

Visivelmente preocupada em captar a nova maneira de ver dos garotos, Stella funde numa só visão o “significativo” e o “lírico” e redescobre o mundo circundante que é objeto dos estudos nas aulas e tarefas escolares.

Note-se, por exemplo, a seleção de vinte e cinco substantivos que abre o volume e que analisados morfológicamente vão constituir o núcleo de cada poema. Já pela leitura dessa análise, podemos verificar a visão original e por vezes ines-

perada que êsses substantivos assumem... e com isso já oferecendo um ótimo campo de análise aos leitores-estudantes, no sentido de lhes tornar claro que, da apreensão global de um fenômeno depende a sua interpretação em termos de linguagem e sua conseqüente cristalização pela língua, ou melhor, pela gramática.

- Árvore — comum, concreto, sólido
- Planêta — comum, semi-concreto, sólido/líquido/gasoso
- Côr — comum, semi-abstrato, depende
- Evolução — próprio, concreto pra quem acredita nela
etc., etc., etc.,

Observe-se que, dentro dessa classificação morfológica inicial (onde se unem conhecimento de gramática e uma insólita interpretação das coisas), cada elemento selecionado é submetido a um *processo de desmitificação*: o olhar *não convencional* do menino vê a coisa e a reinterpreta, obedecendo a uma percepção interior e não mais, a uma convenção estereotipada...

E nessa recuperação da pureza original das coisas, flui a poesia-pesquisa de *Caderno de Capazul*. Uma poesia que corre facilmente e oculta, sob essa aparente facilidade, o árduo trabalho de aprisionar o poético numa linguagem direta, não-metafórica, totalmente aderida ao real-objetivo do mundo circundante.

Quanto ao *processo linguístico* que serve de veículo expressivo aos poemas, é êle caracterizado por dois fenômenos predominantes: a *substantivação* e a *criação de palavras*.

Básicamente substantiva e criadora, a linguagem poética de Stella Carr sintoniza-se com uma das mais insofismáveis exigências da poética contemporânea: a fuga do *caráter acidental* dos fenômenos (representado pelo adjetivo), e a procura obsessiva de sua *essência* (caracterizada pelo substantivo). Paralelamente a essa procura, temos a *quebra do pensamento lógico* realizado por uma linguagem fragmentada, substantiva, anti-discursiva, que expressa bem o *pensamento mágico*, o pensamento rudimentar (dos primitivos ou das crianças), no qual as realidades são captadas em imagens concretas, mais ou menos independentes, coordenadas... nunca subordinadas umas às outras (como sói acontecer no pensamento discursivo).

Aliás é, basicamente, essa preocupação com a redesco-

berta e reinvenção da linguagem o elemento que, a nosso ver, mais de perto vincula a poesia de Stella aos mais exigentes caminhos palmilhados pela poética de vanguarda: os caminhos da poesia-pesquisa, onde a intuição do poeta é disciplinada, domada pela conquista árdua da palavra essencial. Assim, amalgamando as conquistas da poética de vanguarda (influenciada grandemente pelas técnicas da “comunicação em massa”) com a essencialidade da visão a ser transmitida, a poesia de *Caderno de Capazul* explora de maneira segura o espaço branco em torno da palavra, a composição gráfica em bloco, o termo isolado, os recursos tipográficos, etc. Técnica extremamente perigosa pelo que carrega em si de condições para uma exploração fácil (que pode resvalar para o puro e gratuito jogo de palavras), aqui em *Caderno de Capazul* ela só se revela em toda a sua significação ao leitor, depois de uma leitura analítica atenta. Isto é, sente-se que o compromisso entre sua poesia e as injunções da poética do mundo da técnica ou da “civilização do olho”, não se fez “a priori”, mas surgiu em decorrência da própria dinâmica interna do pensamento poético. Foi este que, em sua exigência essencial, incorporou os recursos técnico-expressivos adequados.

Neste sentido, é indispensável que se note a coerência de uma “cosmovisão” essencial: o mundo visto como um organismo vivo e maravilhoso, no qual o homem está profundamente integrado. Daí a contínua animização da realidade estática, seja ela mineral, vegetal ou espacial... Daí o dinamismo vital das realidades visualizadas, dinamismo que se explica afinal por uma atitude existencial que situa aquelas realidades dentro do processo geral da evolução cósmica, da qual também o homem participa em comunhão com o todo que o envolve.

Como vemos, apesar de ser uma poesia deliberadamente escrita para colegiais, *Caderno de Capazul* em sua aparente ingenuidade, revela aos adultos elementos para sérias reflexões. Revela não apenas um amadurecido processo criador ou um conhecimento diferente de coisas já conhecidas, mas acima de tudo deixa entrever uma filosofia de vida atualíssima que aponta para a relação essencial entre nós e o mundo que nos cerca.

Stella Carr redescobre o mundo através dos olhos mágicos do menino. Sua visão original “desmitifica” as coisas e nos desvenda facêtas não pressentidas nas realidades objeti-

vadas. São essas facêtas e mais a idéia de que o poema é um *organismo vivo* (tal como o mundo...), ou melhor, é uma forma verbal em desenvolvimento a sugerir mundo de emoção e de conhecimento... aquilo que torna *Caderno de Capazul* um rendoso campo de leitura para os leitores-mirins. Por ela eles serão levados a sentir que poesia é uma *maneira de ver* o mundo e as coisas, expressa numa *linguagem essencial*, que estabelece o verdadeiro diálogo entre nós e as coisas à nossa volta.